

Resenha – Volume I de *Para uma ontologia do ser social*

Sergio Lessa – Prof. Universidade Federal de Alagoas

Título: Para uma ontologia do ser social, volume I

Tradução: Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer, Nélio Scheider / Revisão da tradução: Nélio Scheneider/ Revisão técnica: Ronaldo Vielmi Fortes (com a colaboração de Ester Vaiman e Elcemir Paço Cunha).

Editora: Boitempo

Ano publicação: 2012

Ao falecer, em junho de 1971, Georg Lukács deixou um conjunto de manuscritos, nos quais trabalhou até muito próximo de seu falecimento: o *Prolegômenos a uma ontologia do ser social hoje tornada possível* (Boitempo, 2010), o texto de *Para uma ontologia do ser social* (Boitempo, 2012-13) e, ainda, também organizou um conjunto de notas e citações que serviriam para uma futura obra sobre os fundamentos marxistas da ética, *Notas para uma ética* (Instituto Lukács, 2015).

A sorte destes manuscritos valeria, por si só, um pequeno texto. No Brasil, em especial, terminaram exercendo uma influência não desprezível e, em alguma medida, também prepararam o terreno para a recepção da obra de István Mészáros. Já argumentamos, em várias ocasiões, sobre a importância desse empreendimento intelectual. Aqui cabe, apenas, assinalar a positividade de que, após a Hungria, o Brasil é o primeiro país a contar com a publicação integral dos manuscritos póstumos de Lukács.

Em uma resenha anterior, comentamos a tradução dos *Prolegômenos* (Crítica Marxista n. 32/2011). Como toda tradução de um texto desta complexidade e inacabamento (são manuscritos póstumos) o eterno esforço de aproximação ao original, que é uma tradução, inevitavelmente conduz a escolhas que podem ser, por vezes, polêmicas. Comentamos, então, que a escolha de estranhamento como tradução de *Entfremdung*, ou espelhamento como tradução de *Widerspiegelung* e, ainda, a traduzir "posição teleológica" por "pôr teleológico", talvez não fossem as melhores opções. A presença de Ester Vaismann na tradução, também comentávamos, visivelmente era a responsável pelos aspectos mais sólidos da mesma.

A tradução do Volume I da *Ontologia do ser social*, infelizmente, é inferior ao da tradução dos *Prolegômenos*. Os problemas não foram minorados pela opção editorial de aproveitar as várias traduções parciais, feitas ao longo de aproximadamente três décadas: as primeiras traduções, os capítulos sobre Marx e Hegel e a tradução do capítulo dedicado ao neopositivismo. A homogeneidade do estilo peculiar de Lukács, com parágrafos longos e frases com estrutura complexa, é perdida. Nos capítulos dedicados a Hegel e a Marx, a tradução se aproxima, por vezes, de uma copidescagem: pontos finais, verbos, expressões etc. são inseridos, presume-se, em uma tentativa de deixar o texto mais claro. É quase como se a obra houvesse sido escrita por diferentes pessoas de uma mesma equipe de pesquisa.

Outro problema da tradução é a inconsistência teórica. A tradução de pares categoriais ontológicos decisivos como ente\existente, ser\existente, material\espiritual e objetivo\subjeto, com todas as suas variações ou, ainda, de categorias como "concepção de mundo", "visão de mundo" etc., ao não seguirem uma padronização, impossibilitam ao leitor apreender que Lukács se refere, em diferentes passagens, à mesma problemática de fundo. Para citar apenas um caso: a expressão *Weltanschauung* é central na discussão por Lukács do complexo da ideologia. E, como seria de se esperar, ela comparece em muitíssimas passagens

em todo o Volume I, com o que vai adquirindo uma densidade de significado, densidade esta que tem reflexos nos mais diferentes contextos. Sua tradução mais frequente é "concepção de mundo". Contudo, no Volume I da *Ontologia, Weltanschauung* é traduzida por "visão de mundo"(413/120 – p. da edição alemã/p. da tradução) quando, na mesma página, *Weltbildung* é também traduzida por "visão de mundo", com o que *Weltanschauung* e *Weltbildung* terminam identificados(tb. 349/52). Depois, *Vorstellungen*, literalmente representações, é traduzida por "concepções" (442/152) enquanto *Anschaungsraum* é traduzido por "espaço intuitivo" (449-/160) e na página seguinte por "espaço nocional"(451/161). Os problemas se repetem com a tradução de *Anschaung*, que, preferencialmente deveria ser traduzida por concepção: "noções" (424,435/133,145), "visão" (434/144) – enquanto na mesma página "visões" comparece como tradução de *Auffassungen* -- "intuição" (435,428/144,137) etc.

Algo análogo a *Seiende* (existente) e derivados. Preferencialmente, no capítulo sobre o neopositivismo *Ansichseienden* é traduzido por "em-si-existente", no capítulo do existencialismo, por "ente-em-si". Na p. 426/135, é traduzido por "existência em si", para voltar a ser "ente-em-si" (p. 453/164). Na mesma p. 453/164, *Seiendes* é traduzido, duas vezes na mesma frase, como "ente" para ser traduzido, a seguir, por "dotado de ser" (458/170). No capítulo de Hegel, "*Ansichseienden*" é novamente traduzido por "ente em si" mais de uma vez, mas ao tratar da "*an sich seienden Wirklichkeit*", foi traduzido por existente: "realidade em si existente" (346/48), "realidade em si" (349/51), "realidade existente em si"(347,348/49,52). Na p. 605/331, "*seiende Elemente*" vira "elementos reais" – e assim por diante.

O quando isto é comprometedor do texto lukácsiano, uma frase poderá indicar. Fazendo uma crítica ao tratamento por Hegel da "esfera ontológica social", Lukács escreveu: *Daß sie durch die gedankliche Unterordnung unter die Logik fast überall weit über diese Seinssphäre hinaus verallgemeinert und dadurch vom Gesichtspunkt der Ontologie des Ansichseienden entstellt werden, ist mehr als eine bloße Erscheinungsform dieses Systems.* [negrito nosso, SL] Uma tradução quase literal seria: "Que, através da subordinação intelectual, [a esfera ontológica social- SL] seja muito amplamente generalizada, quase sempre sob a lógica, e com isso, seja desfigurada do ponto de vista da ontologia do em-si-existente, é mais do que uma mera forma fenomênica desse sistema." A tradução preferiu traduzir "da ontologia do em-se existente" por "da ontologia do **ente-em-si**" (503/220), com o que a frase perde totalmente seu sentido original. Uma "ontologia do ente-sem-si" não faz qualquer sentido, nesse contexto. Lukács se refere ao deformado reflexo da *existência* – e, não do *ente* -- que constitui a logicização hegeliana do ontológico.

Com tais confusões, a tradução deixa forte a – falsa – impressão de que Lukács não saberia bem ao certo ao que referia com categorias ontológicas decisivas como "ente", "existente", "concepção" e "visão de mundo", "intuição" e "representação". Assim, por exemplo, a frase *Der Ausspruch von Parmenides, nur Seiendes ist, Nichtseiendes ist nicht...* (433/143), literalmente: "O dito de Parmênides, apenas o existente é, o não-existente não é...", é traduzida por "O dito de Parmênides, 'só o ente é, o não ente-não é'." Não apenas coloca-se aspas, como se fosse de Parmênides a expressão *nur Seiendes ist, Nichtseiendes ist nicht*, quando esta pertence a Lukács--, como ainda, ao reduzir o existente ao ente, indica que, para Lukács, o filósofo pré-socrático poderia vir a ser um antecessor do empirismo ou do positivismo. Nada semelhante pode ser encontrado no texto de Lukács, evidentemente.

Outras vezes, a imprecisão eleva-se a erro. Por exemplo, quando Lukács trata do "mecanismo" em Hegel e do "mecanicismo" materialista (quer no materialismo pré-marxista, quer no interior do marxismo). Como é sabido, a defesa da dialética levou Lukács a, se me permitem, três críticas. A crítica que reconhece os avanços das tentativas materialistas do século 18, mas que, por último, teriam que fracassar por derivarem da natureza, diretamente, o ser social. A segunda crítica volta-se ao "mecanicismo" que se inicia na II Internacional e atinge seu apogeu com o stalinismo. Aqui, temos apenas a crítica e das mais radicais. E há a

elogiosa crítica ao "mecanismo" de Hegel, expressão com a qual o autor da *Fenomenologia do Espírito* sintetiza as propriedades da matéria inorgânica. Crítica, pela logicização idealista peculiar a Hegel e, elogio, por postular uma continuidade, ainda que apenas lógica, do inorgânico à vida e, desta, à humanidade. São três conjuntos distintos de problemas – os três decisivos para a delimitação do *tertium datur* buscado por Lukács: a dialética materialista de Marx.

A tradução optou por traduzir tanto o "mecanismo" (*Mechanismus*)(507 e ss./224 e ss.) quanto o "mecanicismo" (*mechanistischen* etc.) (489/204-5) por "mecanicismo". Vela-se, assim, que tratam-se de problemas e críticas distintas. O "mecanismo" de Hegel não é um indevido retorno ao "mecanicismo" pré-marxista pelos stalinistas; o equívoco de Hegel não está em retirar muito rapidamente, da natureza, o mundo dos homens, como entre os Iluministas; os "mecanicistas" raramente pecam pela logicização hegeliana do ontológico -- e assim por diante. A tradução sugere que Lukács, ou não conhecia a Hegel, ou homogeneiza abstratamente a problemática do materialismo mecanicista à do idealismo objetivo de Hegel. A essência das críticas de Lukács a Hegel e ao materialismo mecanicista está, irremediavelmente, perdida devido à tradução.

Há erros de revisão, como por exemplo, as passagens em que *Moment* é traduzido por "elemento", ou cognatos traduzidos incorretamente ou, ainda, os erros importados da tradução italiana. Não fosse pela quantidade desses erros (aproximadamente um em cada duas páginas), este seria um problema menor.

Há que se reconhecer que poder avaliar uma tradução é sempre mais positivo do que não haver tradução alguma. Contudo, a tradução do volume I da *Ontologia* é por demais imprecisa e insegura para dispensar, mesmo para o leitor que busca uma primeira aproximação com a obra, o confronto sistemático com a tradução italiana ou com o texto alemão.